

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estilografia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 2850; Africa Portuguesa, 6 meses 6600; Estrangeiro, 6 meses 10200
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2409

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 1926

DESFAZENDO UMA LENDA

Apoiemos sempre as iniciativas úteis à colectividade

Portugal é um país de lendas, e quando elas tomam raízes não há razões, não há análise apurada, nem argumentos por mais inteligentes que as desfaçam. Criou-se a lenda de que *A Batalha* é um jornal demolidor apenas, pouco se preocupando com os problemas de reconstrução moral e material, e por mais que, com os nossos actos, promovemos precisamente o contrário: ninguém desmente o que de falso corre a nosso respeito.

Depois, há certas atitudes doutrinares por nós assumidas que são mal interpretadas e mesmo deturpadas. Porque nos declaramos anti-patriotas logo julgamos que pretendemos o mal deste país em benefício dos estrangeiros. E, afinal, o que desejamos é o progresso harmónico de todos os países, sem que uns se prejudiquem aos outros. Portugal é, no concerto mundial, uma das nações mais atrasadas. Longe de nós a ideia de querer atrasá-la mais. O que desejamos é colocá-la a par das mais adiantadas. Daí a nossa indignação, o nosso protesto contra todas as burrices que para aí se praticam. Daí o nosso enervamento perante a falta de iniciativa que caracteriza a actividade portuguesa.

Nem nos momentos mais aflitivos, nem com a corda na garganta, nesta terra de tão valiosos recursos naturais se vê um empreendimento arrojado, uma grande obra de civilização e de progresso. E se algum pobre mortal, iludido com belos sonhos de beleza e civilização, mete ombros a qualquer obra de vulto, não descansamos os inactivos, desde as repartições do Estado até aos frequentadores de cafés, de lhe deitar baldes de água fria sobre o calor do entusiasmo, de lhe colocar

Ora, *A Batalha* que, longe de ser uma folha simplesmente demolidora, é ao mesmo tempo um agente de progresso, um órgão construtivo, dá alento a todas as iniciativas que beneficiem o público ou marquem um progresso e agora, devido à crise de trabalho, com maiores razões incita essas energias que desejem tornar-se úteis ao fomento económico do país.

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

No Palácio da Opulência o conforto e a higiene dão à existência uma sensação de beleza que torna perfeita a sensibilidade humana

O Palácio da Opulência, nessa manhã que o visitei, pleno de luz e exuberante de vida, tinha um sabor pictural que enebriava. Numa inteligente associação ali se reúnem todas as regras modernas de conforto e higiene criando uma sensação de bem estar que nos inunda de novas energias.

Veiu receber-me um homem espadado, rosado, epiderme lavada com caras essenciais, rigoroso uniforme com o braço da casa esculpido nos botões, que falava uma linguagem clara, quiçá, com laivos de elegância. Era o guarda-portão, o cicerone daquele mundo de opulência.

la principiar a digressão pelos perfumados aposentos dos nababos, onde a vida é grande e tem encanto e tem beleza. Mas principiar por onde? Se tudo ali é magnífico, se tudo ali empolga?

— Talvez seja melhor principiar pelo jardim — advertiu o amável guia, num timbre de voz delicado.

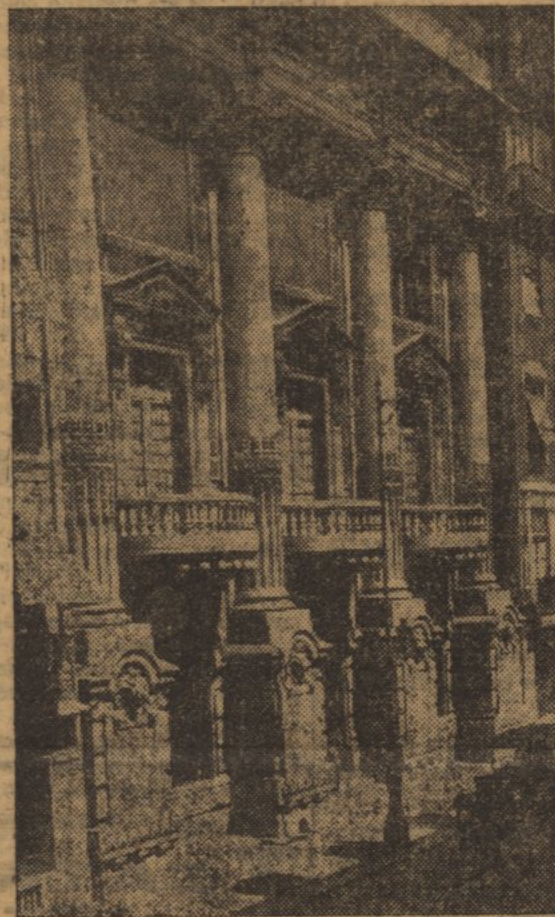
E foi pelo jardim onde se iniciou a di-

apoiado. De inverno a temperatura é agradável porque é regulada pelo aquecimento central.

Da sala de visitas passamos para a do fumo. Inglês rigoroso. Pouco mobiliário, mas rico: mesa central, «maples», vitrines, espelhos e lustre, donde se desprendem inúmeras lâmpadas multicores. Sobre a mesa central artísticas caixas de pau-santo com incrustações de prata contendo peças de tabaco das mais caras.

Um pequeno corredor, também revestido de passadeira, conduz à sala de jantar. Há inenarráveis motivos de grandiosidade. Mobiliário, louças, etc., tudo é estonteante. O estilo é holandês. Do mobiliário: aparador, guarda-pratas, trinchante, mesa, cadeiras, «corti-corn», candelabro, espelho, «chauffage», etc.

Vamos entrar no escritório. A mesma sumptuosidade. Estilo americano. Peças de mobiliário: secretária, estante, «maples», contador, reposteiro, quadros e aqueci-



O Palácio da Opulência

gressão. O jardim que emoldura o palácio é rico de estética e exuberante de vegetação. Duas áreas muito cuidadas, orladas de um sem número de espécies botânicas, lavam a vista deixando ao longe, a descoberto, uma faceta da arquitectura gótica do edifício.

De quando em vez até nós chegavam, como subtil melodia, os madrigais entoados pelos alados que pejam as árvores, dando-nos um sabor campestre perturbador.

Vamos entrar agora na porta principal. A um pequeno impulso um riquíssimo portal de carvalho, com incrustações metálicas, gira e eis que ante o nosso expectante olhar se abre uma ampla escadaria guarnecida por uma passadeira graná, com varões de metal.

A porta fecha-se e uma nova sensação nos invade. O ambiente é agradável. No silêncio daquele paraíso a nossa sensibilidade torna-se mais delicada. Dir-se-ia que um incomensurável fenómeno se apodera de nós. Que a mais bizarra metamorfose se der a nosso ser.

A vida em toda a sua beleza tem ali a expressão verdadeira. Viver naquele paraíso, é viver a fantasia de Korolenko.

Galgados cinquenta degraus, sem termos produzido o menor ruído, deparou-se-nos um corredor muito claro, faixado por uma larga passadeira. O mistério ainda não se extinguiu. Há em nós um quê de perturbação.

O nosso guia, percebendo, acode: — É melhor pela sala de visitas.

E eis que uma sala estilo Luís XV se nos abre, pululando os motivos de conforto: «maples», «fauteuils», mesa de centro, «port-biblot», floreiras, molduras, e aquecimento central. Dos «vitraux» das janelas partem notas polliceras, embriagadoras.

A tonalidade dessa sala harmoniza-se com o mobiliário. É de um azul pálido que se não lhe dá um sabor arcaico, rouba-lhe, todavia, expressão.

Nesta sala, quer de verão, quer de inverno, o conforto é igual. De verão um sem número de ventoinhas refrescam o

mento. A fisionomia deste aposento é original. O conjunto é de um verde-claro agradável.

Sala cor de rosa. É a alcova, ou o quarto, para melhor compreensão. É de uma riqueza estupenda. O estilo preferido foi o Luís XVI. É ampla, de grande cubagem e muito beneficiada pela atmosfera. A pesar do seu grande recheio de mobiliário transita-se à vontade. Tem duas camas, duas mesas de cabeceira, guarda-fatos, «psichés», «guéridons», «coiffeuses», cadeiras, riquíssimos tapetes, finas cortinas. Sobre a cama colchas de Damasco, valiosos «edredons», almofadas com riquíssimas rendas e bordados. Nos mais pequenos detalhes este aposento é rico pelo seu valor real e rico pelo conforto que encerra.

Sobre o alicatado de todas as dependências e o silêncio agradável daquele mundo de beleza vamos passando pela casa de banho, pela cozinha, por outras dependências todas servidas por electricidade e gás. E sempre a mesma grandeza, sempre o mesmo conforto: telefonia sem fios, telefone, estufas, sanefas, veludos, etc., etc.

Para que nada falte naquele paraíso o quadro do pessoal é numeroso: guarda-portão, «chauffeur», cocheiro, trintário, criados de mesa, criados de fora, criados de quartos, criados de bebés, cozinheira, ajudante de cozinheiro e mulheres de limpeza.

Vem a seguir a massagista, a manucure, o calista e o dentista que cuidam da estética do corpo humano.

E por último, o completar o arsenal de grandiosidade, um Roll-Royce, um Hispano-Suizo e dois trens de luxo.

Embevecido na magnificência do palácio que visitei consumi o melhor de cinco horas. Porisso já o dia se aproximava do crepúsculo quando entrei no Casal Ventoso, de visita ao Tugúrio da Miséria.

Para que o quadro não perca o colorido só darei a conhecer noutro artigo as minhas impressões.

Alfredo MARQUES

A SEGUIR: COMO VEGETAM OS POBRES

Notas & Comentários

Larário amável

Numa escada da rua de São Julião foi encontrada por pessoa da nossa amizade uma carteira que contém vário papelada e dois passes do Caminho de Ferro do Estado com o n.º 16.877 que pertencem ao sr. Valentim de Oliveira. Pela desordem da distribuição da papelada da carteira nota-se que a carteira foi roubada e abandonada por pessoa que lhe extorquiu o recheio monetário e a foi largar na referida escada.

Se aproveitar ao sr. Valentim de Oliveira poder requisitar a sua carteira na administração do nosso jornal, onde se encontra a sua disposição.

Os vendedores de jornais

Os empregados das Carris têm ordem da empresa para não deixar entrar dentro dos carros os vendedores de jornais. E uma ordem que, além de prejudicar a classe dos vendedores, lesa o público que até facilmente comprava mesmo em trânsito a sua gazeta. E encarando essa ordem ainda

por outro aspecto não menos grave, a companhia lança uma contra outra duas classes de trabalhadores. A Associação dos Vendedores de Jornais pediu à Companhia que revogasse essa ordem. E de esperar que seja atendida.

Salva-se a pátria...

Uma folha vespertina, que se publica apenas há trinta e nove dias, insere em cada um dos seus números um elogio pomposo a uma pessoa da nossa terra. Este facto tem-nos causado certa admiração, porque nunca concebemos que houvesse em Portugal trinta e nove pessoas para elogiar. Ante tão alta grata surpresa, que não traz ao coração pessimista uma doída alegria, somos a desejar a feliz folha, que tão belos exemplares humanos dia a dia descobre, longos anos de vida iluminados sempre pelo fulgor dos homens excepcionais que elogia. E ficará salva a pátria...

Mussolini conferencia

ROMA, 7. — O sr. Mussolini teve uma larga conferencia relativa às relações Italo-Bulgarias, com o sr. Gourev, ministro dos negócios estrangeiros da Bulgária. — L.

A CARESTIA DA VIDA

A Sociedade Comercial de Pescarias está açambarcando diariamente algumas dezenas de toneladas de peixe que apodrece em grande parte

Todo o operariado deve comparecer à sessão que hoje se realiza

Todos os géneros alimentícios vão atingindo um preço exorbitante. Por muito elevado que seja um ordenado ele não pode corresponder ao custo que a vida atingiu. São determinantes deste aumento, especialmente, o criminoso açambarcamento dos géneros que é sempre a razão directa do seu encarecimento.

Com o peixe, um dos géneros indispensáveis, esse aumento tem-se verificado de uma maneira espantosa. E' porque o seu açambarcamento também se faz e o peixe que aparece é vendido por bom preço, porque abundam os pretendentes e quem mais der é que é servido.

Mas quem provoca esse açambarcamento? Ora, quem ha-de? Os honrados armadores, aqueles que mais obstinadamente guerreiam as poucas regalias que usufruem as classes marítimas. E quer saber o leitor como é feito esse açambarcamento? Ouça.

No passado sábado chegaram ao Frigorífico para descarga os seguintes barcos: *Arrabida*, com 15 toneladas, resto do dia anterior; *Maria Luisa*, com 20 toneladas; *Aliaça*, com 28 toneladas; *Açor*, com 15 toneladas. Total 78 toneladas.

Contava-se que todo este peixe fosse descarregado das 19 horas desse dia às 6 horas do dia seguinte. Não era favor fazer essa descarga, pois em igual numero de horas, segundo os técnicos, se têm descarregado 109 toneladas.

Porém, os gerentes da Sociedade Comercial de Pescarias, L.da, sociedade que agrega todas as empresas piscatórias e de cuja gerência fazem parte os srs. Sá Viana e António Marques, determinaram que só se descarregassem 15 toneladas do vapor *Arrabida*, isto é, aquele peixe que tinha ficado açambarcado na véspera, e 16 toneladas do *Aliaça* o que fez 31 toneladas de peixe.

As restantes 47 toneladas não foram descarregadas, sabe o leitor porquê? Para não relaxar a venda, segundo disseram os armadores.

Devido a este criminoso gesto no passado domingo o povo ficou privado do precioso alimento porque os armadores não quiseram relaxar a venda. E enquanto o povo se privava desse alimento ele apodrecia junto à muralha, açambarcado devido à omnipotência dos srs. Sá Viana e António Marques.

Agora vamos narrar como foi feita a descarga de domingo, que corresponde à venda de segunda feira. O vapor *Aliaça* aliou as restantes 12 toneladas; o *Maria Luisa* as 20; o *Açor* as 15 e o vapor *Alda Bemvinda*, chegado no domingo, 11 toneladas das 40 que trouxe.

Parte das 12 toneladas do peixe do vapor *Aliaça* estava podre. Em virtude de não ter sido descarregado na véspera, para não relaxar a venda, como disseram os armadores, esse peixe apodreceu, ficando dele privado o público. Mas o assambarcador é assim. Prefere perder o produto de que vendê-lo por preço razoável.

Do vapor *Alda Bemvinda* ficaram, como o leitor viu, assambarcadas 29 toneladas de peixe.

Isto que sucedeu no domingo e na segunda feira repete-se todos os dias. Há sempre peixe assambarcado para provocar a alta do seu preço.

De tudo isto, o que é mais extravagante, é a polícia marítima ser tão rigorosa para com um desgraçado que rouba um peixe para comer e fechar os olhos, ela que diariamente observa o sonegamento do peixe, a esta pouca vergonha.

Depois o assambarcamento do peixe não só prejudica o público que fica privado dele. Prejudica também os descarregadores, porque o peixe podre, a pesar de ser escolhido como o fresco, não é encaixotado e o pessoal só recebe o encaixotamento do peixe fresco. Todavia o peixe podre às vezes atinge a estupenda cifra de 800 quilos, ou sejam 800 quilos que o pessoal tem que escolher sem ganhar vintem.

Realiza-se hoje, no Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, uma grande sessão de protesto

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, secundando o plano de agitação contra a carestia da vida, promove hoje na sua sede, largo de S. Domingos, 11-J, 2.º, às 21 horas, uma grandiosa sessão de protesto em que falarão vários representantes de organismos operários.

Para essa sessão, que é a quarta que os sindicatos promovem, foi ontem distribuído um bem redigido manifesto do qual extrairamos os seguintes períodos: «O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, não podia conservar-se em silêncio perante a actual subida do custo da vida, sem que a sua atitude fosse tomada como a de cúmplice do desvarável assalto que as chamadas forças vivas vêm praticando contra a bolsa do indefeso consumidor.

«E, para que de tal não seja apodado ele vem junto de vós, consumidores, expor-vos a sua opinião sobre tão momentoso assunto, para o qual este organismo em nada contribuiu.

«Há uns anos a esta parte, que a dinastia comercial vem insultando a miséria da enorme legião dos espoliados com a afrontosa ostentação de suas pompas, immoralidades e esbanjamentos, sendo certo que os escarnecidos no seu direito à vida têm sofrido todas as arremetidas da classe detentora da riqueza, com calma e resignação, embora por todos seja reconhecido que não deve haver obrigação de suportar semelhante onda de parasitas tanto mais que a riqueza dum país reside na sua produção industrial, agrícola ou artística e consequentemente no trabalho dos seus produtores e nunca na execução embora aperfeiçoada da arte de viciar o próximo, chegando-se até ao crime, pois outra coisa não é senão o assambarcamento dos géneros essenciais à vida ou a adulteração dos artigos, que o povo consome com prejuízo da saúde.

«Mercê da inércia dos vários governos, desta tão rica e explorada região, onde a coberto d'elles os abutres do comércio têm devorado as suas vítimas, mais se lhes tem desenvolvido a sua sanha de banditismo, sem que ao menos haja um vislumbre de respeito pela saúde das crianças, de cujo robustecimento físico e mental depende a felicidade das sociedades vindouras.

Hoje, os factores que originaram a carestia da vida, não são como os apresentam os insaciáveis comerciantes porque dizem eles que a carestia é devido ao péssimo ano agrícola, e isto por não poderem invocar a oscilação cambial, visto que o câmbio se estabilizou há já perto de dois anos; mas o facto é que a verdadeira razão está no exagerado espírito de rapina, das classes privilegiadas que sempre à espreita da melhor oportunidade para exercerem o descarado sonegamento de géneros, provocam a elevação dos preços contando com a impiedade de que sempre têm beneficiado por parte dos governantes.

E' também o comércio que fomenta o *chômage*, em virtude das altas percentagens que lança sobre os artigos manufacturados, chegando os mesmos a atingir 60, 80 e 100 por cento, e resultando desse desmedido lucro uma menor capacidade de compra para cada indivíduo, e por consequência um menor consumo, donde resulta uma redução da produção, motivada pela falta de procura.

Preguntamos nós, o que tem o ano agrícola com o calçado, que tem sofrido uma ascensão vertiginosa, ou com os lanifícios que a pesar de não subirem ainda, também não desceram, mantendo-se por preços iguais aos de 1924-1925, a pesar dos fabricantes os fornecerem mais baratos?

Se o aumento do custo da vida é provocado pela pouca produção, conforme o afirmam alguns malevolos e ponco atilados *forças vivas*, porque razão estão sem trabalho milhares de produtores, quer rurais, quer industriais, sofrendo, em virtude dessa situação, enormes sacrifícios?

E' confrangedora a situação em que os consumidores menos remediados (estes são em menor numero) vivem, e isto é constatado, por exemplo, pelos caixeiros de mercetaria em face das restrições que todas as semanas e progressivamente sofrem os fornecedores para os fregueses, chegando-nos a causar pasmo como se pode viver com tão exiguo alimento.

E' que não se vive; vegeta-se depauperando lentamente o organismo. E não queremos então que se diga que em Portugal se trabalha para se morrer de fome!

Pretende-se elevar as patas alandegarias a fim de proteger as indústrias nacionais, o que, a materializar-se essa pretensão, grandes vantagens traria para a economia nacional, tanto sob o ponto de vista social, como técnico; mas infelizmente os industriais que andam mendigando pelos ministérios essas defesas, não o fazem com o fim de desenvolverem as respectivas indústrias, mas sim com o objectivo de ficarem sem a concorrência estrangeira, para melhor poderem elevar o custo da mercadoria que cumulativamente fazem escassear para melhor lhes servir os seus fins interesseiros.

Acontece que o comércio, em face dessas concessões que às indústrias são feitas, apresenta logo o seu protesto, alegando que fica inibido de importar em consequência dos novos aumentos nos direitos e do facto de a indústria nacional não produzir com a abundância necessária; mas a causa verdadeira do seu protesto é outra: é que, uma vez desenvolvida determinada indústria, como, por exemplo, a de tecidos, a manufatura de lanifícios, malhas, etc., isso se reflectirá imediatamente no mercado, o que provoca uma concorrência grande entre o comércio em prejuízo dos largos lucros que até então os comerciantes tinham, com o mesmo artigo importado.

Carestia da vida e contribuição industrial

Na sede da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, rua António Maria Cardoso, 20, efectua-se hoje, pelas 22 horas, uma reunião conjunta da direcção desta colectividade e da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, assistida de antigos militantes da classe e sócios da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, a fim de serem apreciadas as representações elaboradas por aqueles organismos sobre a carestia da vida e a contribuição industrial, que vão ser entregues ao governo.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

A greve mineira inglesa

As associações distritais dos mineiros...

LONDRES, 7. — Todas as associações distritais de mineiros filiadas na respectiva federação enviaram o seu parecer acerca das propostas oficiais para a solução do conflito do carvão, os quais são hoje presentes à conferencia de delegados.

Segundo se afirma, onze distritos recusaram-se a aceitar as propostas governamentais.

O governo comunicou à comissão executiva da federação que não concederia nova prorrogação para a resposta às suas propostas, as quais há três semanas foram enviadas à federação.

...estão reunidas para resolver sobre a greve

A conferencia dos delegados, que hoje se realiza, deve tomar uma decisão definitiva, não sendo como considerada inevitável a rejeição da oferta oficial, prevendo-se nos principais centros a possibilidade de uma proposta alternativa que autorizada pela federação resulte do presente movimento de gradual regresso ao trabalho sem acordos, além dos termos das ofertas patronais, por distritos ou por poços.

Os jornais dão como provável que os delegados aprovem uma proposta considerando como satisfatórios os acordos que possam ser estabelecidos pelas associações locais. — (L.).

A Federação do País de Gales rejeitou a proposta do governo

LONDRES, 7. — A federação dos mineiros do sul do país de Gales rejeitou as propostas governamentais para a solução do conflito mineiro. — (L.).

Um crédito em favor da Belgica

LONDRES, 7. — O sr. Franqui, ministro das finanças da Belgica, conseguiu ver os seus esforços coroados de êxito, obtendo a abertura de um largo crédito em dolares, a favor do seu país, e destinado ao levantamento da sua divisa cambial. — (L.).

Os combóios não serão reduzidos

LONDRES, 7. — Os combóios desta região não devem sofrer redução nos seus serviços, em virtude das grandes quantidades de carvão estrangeiro adquirido pelas companhias e do numero de locomotivas que estão trabalhando a óleo. — (L.).

Alemanha

Demitiu-se o comandante da Reichswehr

BERLIN, 7. — O general Von Seeckt, comandante da Reichswehr, apresentou a sua demissão ao presidente Hindenburg. Von Seeckt consentiu a presença do filho mais velho de Kronprinz nas recentes manobras da Reichswehr, em Wurttemberg, sem conhecimento do ministro responsável, sr. Gessler, que de tal teve conhecimento pelas notícias publicadas nos jornais. O sr. Gessler ordenou a abertura de um inquérito, cujo relatório apresentou ao presidente Hindenburg. Por tal motivo o chanceler interrompeu as suas férias regressando urgentemente à capital. O conselho de gabinete examina hoje a questão, estando os jornais convencidos de que o

presidente Hindenburg aceitará a demissão apresentada por Von Seeckt. — (L.).

Rei morto, rei pôsto

BERLIN, 7. — Diz-se que o general Reinhard, actual comandante de Cassel, assumirá o comando da Reichswehr no caso de ser aceite a demissão do general Seeckt. — (L.).

França

Um violento tremor de terra

PARIS, 7. — Segundo notícias recebidas de Bombain, pelo jornal *Le Matin*, deu-se um grande tremor de terra, acompanhado dum violento ciclone, na região de Karachi, tendo causado prejuizos avaliados em 25 milhões de rupias. Muitos habitantes ficaram sem abrigo. — (H.).

Uma troca de cartas

PARIS, 7. — Segundo se afirma, os Estados Unidos estão dispostos a aceitar a cláusula de salvaguarda no acordo sobre as dividas, mediante uma troca de cartas entre os dois governos. — (L.).

A questão das dividas

PARIS, 7. — Comentando a questão das dividas *Le Figaro* escreve que a decisão do governo em ratificar os respectivos acordos, sob reservas, está conforme as necessidades da politica. *L'Ere Nouvelle* considera como uma sábia e conciliadora decisão a ratificação dos acordos nos termos determinados pelo governo, a qual receberá a aprovação unânime da opinião francesa. *L'Ouvrier* diz que uma fútil opposição se manifesta no seio da Comissão de Finanças contra o texto integral do acordo Mellon-Beranger. — (L.).

Problema das dividas inter-aliadas

PARIS, 7. — O conselho de árbitros reuniu-se ontem ouvindo o relato feito pelo presidente do Conselho acerca da posição tomada no problema das dividas inter-aliadas. — (L.).

Estabilização do franco belga

BRUXELAS, 7. — O correspondente do *Times* em Bruxelas noticia que o Banco belga concluiu com o Banco d'Inglaterra, o «Federal Reserve Bank», e os Bancos emissores da Holanda, Suíça e Suécia, um acordo que lhe assegura o auxilio dos referidos estabelecimentos quando o governo decidir fazer a estabilização do franco belga, sobre bases dum empréstimo no estrangeiro. — H.

Contra um Instituto de Seguros

SANTIAGO, 7. — Uma bomba de dinamite destruiu o Instituto de Seguros. Este atentado é atribuído ao descontentamento dos operários contra a lei de seguros obrigatórios. — (H.).

Aumentam os opositoristas

MOSCOU, 7. — Os jornais noticiam que o almirante Zoff passou para a opposição formada por Trotski e Zinovief. — H.

Assinem Os mistérios do Povo

Uma representação dos ferroviários do Sul e Sueste

É do seguinte teor a representação que acerca do projectado arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado, o Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste enviou ao ministro do Comércio:

«No uso pleno do direito de análise a um problema de carácter eminentemente nacional e ainda tendo em atenção o convite feito por v. a imprensa, vêm os ferroviários do Sul e Sueste, por intermédio do seu Sindicato profissional, onde se agrupam milhares de ferroviários de todas as especialidades e categorias, expor com respeitosa dignidade o que se lhe oferece, acerca do momento assumido—arrendamento dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Como componentes da Indústria Ferroviária e amparados na nossa terra, da sua vitalidade e progresso, temos a opinião formada de que os Caminhos de Ferro, se devem bastar a si próprios e até mesmo apresentar saldo apreciável destinado ao alargamento da sua benéfica esfera de acção, mas não é menos verdadeira e atendida a alegação de que, sendo as linhas férreas, assim como as estradas, tal qual as veias dum corpo, levando a toda a parte a valorização da propriedade, o desenvolvimento das indústrias, do comércio, da agricultura, do turismo, etc., a sua exploração e expansão, como serviço de utilidade pública que é, deve, quando se torne necessário, ser subsidiada e amparada pelo Estado, com a prática com as próprias companhias concessionárias de Caminhos de Ferro, a quem é concedida a compensadora garantia de juros.

Outros serviços são considerados pelo Estado, como de utilidade pública, como o Exército, a Marinha, a Guarda Republicana e a Polícia, que não produzindo receitas, pesam consideravelmente no orçamento geral, mas mesmo assim, não se lhes negam os meios vitais, para o desempenho das funções que lhe estão adstritas.

O governo não pensa, evidentemente, em suprimir, alienar ou diminuir, os organismos já referidos, sendo para desejar que igual critério adoptasse para com a rede ferroviária do Estado, levando mesmo mais longe o seu gesto, rescindindo os contratos de arrendamento com a companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, ligando e unificando assim, as principais redes ferroviárias do Norte, Centro e Sul do país, ficando entregues a companhias as redes secundárias e de iniciativa particular.

Se sob o ponto de vista económico e produtivo, o Estado muito teria a lucrar com tal operação, outro tanto se poderia dizer, acerca do seu valor estratégico, pois além da mobilização rápida e sem embaraços, que se poderia fazer dos meios de transporte, haveria ainda a ter em conta, as ligações internacionais por Barca d'Alva, Vilar Formoso, Valença, Marvão e Vila Real de Santo António.

Com muita frequência se registam afirmações de patriotismo, feitas pelos governantes e outras altas individualidades, sendo lógico esperar que essas manifestações patrióticas e nacionalistas se manifestem praticamente, evitando a intromissão de estrangeiros e respectivos capitais na administração e direcção de serviços de fundamental importância nacional. O contrário poderá ser a alienação, embora indirecta, de património, de uma particular importante de soberania nacional.

Durante a propaganda para a implantação da República e mesmo já na vigência do actual regime, fez-se a apologia do resgate das redes ferroviárias na posse de companhias, e se tal desideratum não foi atingido, deve-se tal fracasso, talvez, ao receio de complicações de carácter diplomático, mercê de capitais estrangeiros em jogo, perigo este que mais se avolumará, se o Estado levar por diante, o projectado arrendamento em causa.

Distintos engenheiros e economistas, se têm pronunciado contrários ao arrendamento, aduzindo razões de carácter técnico, que deveriam calar fundo no ânimo do Governo e demais, que essas competências soberanas pór de parte, com nobreza e honestidade, qualquer interesse pessoal ou de facção.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, tomada como um modelo de boa administração, apresentou em 31 de Dezembro, segundo informes colhidos, um «déficit» de 16.384 contos e no entanto, não se vislumbra, sequer, por parte da dita Companhia, a menor ideia de solicitar a rescisão do respectivo contrato de arrendamento.

Na base XV do arrendamento em vista, que estabelece a renda fixa anual de 3.000 contos, não se atendeu, certamente, a que, em transportes de funcionários civis e militares e materiais, bem como os encargos do pagamento ao pessoal que a Empresa consideraria adido e ainda com a parte do subsídio a conceder à Caixa de Reformas e Pensões, o Estado terá que pagar uma importância muito superior à própria renda indicada.

Mas como, sr. ministro, a superior razão alegada, é a de que os Caminhos de Ferro do Estado dão déficit, permita que apresentemos os seguintes dados estatísticos, referentes a receitas e despesas de exploração, por eles se provando, que, no ano económico de 1924-1925 além de não haver déficit, houve pelo contrário, um saldo favorável (superavit) de cerca de 8.604 contos:

Passageiros: Julho, 1.812.672\$82; Agosto, 2.179.105\$28; Setembro, 2.179.930\$49; Outubro, 1.996.951\$62; Novembro, 1.489.677\$23; Dezembro, 1.641.139\$55; Janeiro 1690.750\$60; Fevereiro, 1.494.254\$15; Março, 1.423.058\$80; Abril, 1.702.816\$45; Maio, 1.794.374\$25; Junho, 1.754.622\$35. Total, 21.139.078\$29.

Grande velocidade: Julho, 840.893\$50; Agosto, 788.941\$04; Setembro, 882.407\$22; Outubro, 959.284\$45; Novembro, 673.307\$86; Dezembro, 660.494\$50; Janeiro, 593.144\$16; Fevereiro, 635.710\$54; Março, 747.778\$91; Abril, 650.886\$06; Maio, 603.242\$30; Junho, 519.449\$76. Total, 8.626.677\$86.

Pequena velocidade: Julho, 3.186.308\$95; Agosto, 3.127.234\$35; Setembro, 3.330.438\$25; Outubro, 4.131.997\$79; Novembro, 3.206.410\$84; Dezembro, 2.166.945\$81; Janeiro, 2.220.402\$84; Fevereiro, 2.357.992\$95; Março, 2.328.057\$91; Abril, 2.306.893\$54; Maio, 2.714.718\$26; Junho, 2.236.255\$13. Total, 33.178.759\$59.

Total durante o período de 365 dias, ano económico de 1924-1925, 62.944.445\$64. Igual período de 1923-1924, 50.793.072\$84; Saldo a favor de 1924-1925, 12.151.372\$80.

Do resumo dos mapas apresentados resulta, como se disse, um saldo de Esc. 8.604.000\$00, mas como por vezes se tem feito cavalo de batalha, com a importância entregue pelo ministério da Finanças, para pagamento ao pessoal adido, e como a dita quantia foi no ano económico de 1924-1925 de 2.160 contos, temos ainda assim um saldo positivo de 6.444 contos.

A pesar de uma Administração e Direcção por vezes falha de competência administrativa e técnica, dando até ao a um processo de sindicância, onde há depoimentos e acusações de gravidade, representativas de prejuízos de centenas de contos; apesar ainda das perculhas concessões de diversa espécie, feitas a meros estranhos, receita que deixa de entrar nos cofres dos Caminhos de Ferro, ainda se chegou a uma situação satisfatória. Porque? Porque o pessoal que trabalhava dia e noite com competência e zelo, soube, evitando injustiças e agravos, dar o seu valioso esforço para o desenvolvimento e valorização da rede ferroviária do Sul e Sueste, sendo esta a melhor resposta aos seus baratos detractores, que, fazendo-se por vezes juizes em causa própria, menosprezando a verdade, jesuiticamente têm assado ao pessoal, responsabilidades que lhes não pertencem.

Se no ano económico de 1924-1925 os resultados foram satisfatórios, podemos afirmar a v. ex.ª que, embora as contas não estejam definitivamente apuradas, em ano económico de 1925-1926 o saldo deve ser superior.

Permita v. ex.ª lembrar também que, depois da aquisição de máquinas e outros materiais, pagos pelo «Fundo especial» e em parte pelas indemnizações pagas pela Alemanha, se um rigoroso inventário se fizesse, daria à rede do Sul e Sueste, um valor certamente superior a três milhões de contos.

Depois de termos apresentado razões que se nos afiguram convincentes, em relação ao valor dos Caminhos de Ferro e ao trabalho que nêles se desenvolve, permitam-nos v. ex.ª afirmar que, em lugar do arrendamento, que pode ser um mau passo —financeiro, político e económico—uma nova Organização de serviços se fizesse, elaborada por competências de reconhecido valor, sendo ouvidos os representantes do pessoal interessado, dando assim remédio às insuficiências e contradições de que actual Organização—Decreto n.º 8924—se encontra eludida e que a prática tem demonstrado ser, nalguns casos, incompatível com os interesses do Estado e do pessoal.

Permita-nos, sr. ministro, ainda dizermos que esta não é doutrina nova em países bem administrados, pois a Alemanha, por exemplo, sendo forçada pelas desastrosas consequências da grande guerra, com o seu território retalhado e invadido pelo estrangeiro, a arrendar as suas linhas férreas, esforça-se hoje, inteligentemente, pelo resgate das mesmas linhas.

Creia que, se uma atitude desta natureza, pelo governo fosse tomada, tendo ainda em mente a conclusão das linhas de Mora a Ponte de Sôr, ligando com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses; Évora-Reguengos a Mourão; Vila Viçosa a Elvas e outras de igual valor, atravessando regiões riquíssimas e com prováveis facilidades de aquisição de carvão, nacional, das minas de Santa Suzana e não esquecendo igualmente a ligação fluvial entre Vila Real de Santo António-Ayamonte-Huelva, marcaria uma etapa de verdade e de alto valor, na regeneração e engrandecimento da riqueza nacional.

Se por infelicidade dos ferroviários do Estado e a pesar da demonstração documental anteriormente descrita, o arrendamento se fizer, permita v. ex.ª, sr. ministro, que, no sentido de defendermos e acatarmos os interesses e direitos adquiridos, que representam o pão de milhares de ferroviários e suas famílias, façamos uma pequena análise às bases do projectado arrendamento, publicadas na imprensa.

Base V—Nesta base afirma-se que as companhias arrendatárias, terão a livre escolha do seu pessoal, citando-se o decreto de 31 de Dezembro de 1894, quando é certo que do seu artigo 17.º § 1.º se deduz que «as empresas têm a livre escolha do pessoal nomeado para os diferentes serviços» e «se este for inábil ou desleixado, o governo obrigará as empresas a aumentá-lo ou a substituí-lo».

Em face desta doutrina, insólita e insustentável, se deprende que só de futuro, quando as empresas admitam directamente pessoal, é que têm aplicação o artigo 17.º e seu § 1.º do decreto citado, porquanto, só futuramente, haverá pessoal nomeado pelas mesmas.

Tão singela e verdadeira é tal interpretação, que o próprio governo na base XII quando trata da Caixa de Reformas e Pensões, se refere claramente a «pessoal novo que venha a ser admitido pelas companhias adjudicatárias, durante o seu período de exploração», estabelecendo assim a destruição entre pessoal tomado e admitido.

O governo ainda, para garantir quanto possível os direitos adquiridos pelo «pessoal dos Caminhos de Ferro do Estado», indica algumas cláusulas que julga serem suficiente salvaguarda do futuro dos ferroviários e de suas famílias.

Notemos, desde já, que o próprio governo chama aos ferroviários «pessoal dos Caminhos de Ferro do Estado» e assim é de facto, provando-se mais uma vez, a justiça das nossas asserções.

No parágrafo quanto possível, encerra-se a grave ameaça da redução dos direitos adquiridos, que o governo cita mas não defende, não sabemos nós, ferroviários, até onde chegará esse enigmático quanto possível.

Mas, desde já se pode aqullar da negra sorte reservada ao pessoal, pelos números 3 e 4 da presente Base, cuja violência é inedita e inconcebível. É a destruição de centenas de lares; a fome com todo o seu cortejo de horrores; a espada de Damocles da Companhia, suspensa sobre o rebanho humano, que no labor ferroviário encontra garantido o pão amargo de cada dia, sendo para estes dois gravíssimos números (3 e 4) que os ferroviários chamam especialmente a atenção de v. ex.ª como homem e como estadista.

Base XI—Na Caixa de Reformas e Pensões, não está estabelecida a representação do pessoal contribuinte, pelos seus delegados, eleitos pelos interessados, segundo as praxes decretadas, não sendo por consequência, assegurada, a fiscalização das suas contribuições e direitos regulamentados, como desde há muito se pratica.

Base XIII—Igualmente não foi tomada em conta a representação do pessoal na Administração de Viveres, o que altera também as disposições que se acham decretadas e regulamentadas a tal respeito.

Base XXVIII—A construção e manutenção dos Sanatórios, sendo custeada pelo público, Estado e ferroviários, não indica na Comissão Administrativa, a representação do pessoal, como actualmente se acha decretado e regulamentado, sendo para desejar também, a autonomia administrativa de tal Instituição, para melhor desempenho da sua humanitária finalidade.

Não se encontra em qualquer das Bases, a mais leve referência ao Regulamento de Passes e Bonus, onde estão consignados direitos e regalias que o pessoal desde 1911 vem disfrutando, sendo para desejar que tais direitos e regalias se mantenham.

Eis, em síntese, o que os trabalhadores ferroviários do Sul e Sueste, uma das classes que ao engrandecimento do país em prestam o melhor do seu esforço, vem resposamente depor com o presente documento nas mãos de v. ex.ª, na esperança de que os seus legítimos direitos e regalias sejam respeitados e justiça lhes seja feita, na certeza antecipada de que saberão registar na história da sua vida de obreiros valiosos, a atenção e a justiça que esperam reclamar de v. ex.ª, sr. ministro, e do ex.ª governo de que v. faz parte.

A Comissão representante dos ferroviários do Sul e Sueste, eleita em assembleia geral.—Joaquim Correia de Barros, António José Piloto, Leopoldo dos Reis Calapez.

DESPORTOS

Taça Guilhermino Silva
No passado domingo realizou-se um encontro de futebol entre o Apolo Futebol Club e o Sport Lisboa e Valense no campo do Picadeiro, saindo vencedor o Apolo por 5 a 0.

SOLIDARIEDADE

Em favor de Mabilha Silva Marques Pinto
No Salão de Festas da Construção Civil realizou-se amanhã, com início às 21 horas, uma grandiosa festa em favor de Mabilha Silva Marques Pinto, que se encontra enferma e a quem os médicos aconselharam a retirar de Lisboa.

Nesta festa, que está a cargo do muito aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária, representar-se-á o emocionante drama em 4 actos «Silvio, o cigano» e haverá um deslumbrante acto de variedades. Digna-se abrilhantar o espectáculo aroupe de bandolinistas 1.º de Maio.

Os vendedores de jornais e os empregados da Carris

O conflito entre os vendedores de jornais e empregados da Carris agravou-se ontem à noite extraordinariamente devido à atitude irritante assumida por estes últimos na sua assembleia.

Os empregados da Carris foram pedir ao governador civil para recomendar à polícia o maior rigor contra os vendedores.

Esta atitude que vai contra todos os princípios de solidariedade e de justiça, é antipática e merece os asperos reparos que o adiantado da hora não nos permite fazer com aquela largueza que desejamos.

IMPRENSA

Reunião das Empresas Jornalísticas
Para se ocuparem do recente decreto referente à franquia dos jornais, são convidados os representantes das diversas Empresas Jornalísticas, para uma reunião da classe, que se deve efectuar hoje, sexta-feira, 8 de Outubro, na sede do Jornal do Comércio e das Colónias, pelas 18 horas.

Roga-se a compareência de todos os interessados.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

TEATRO SALAO FOZ

Matinée às 15 h. — Soirée às 21, 15 h.

DESPEDIDA DA QUERIDA E DISTINTA ACTRIZ

Adelina Fernandes

nos seus laços e canções à guitarra

A notável cancionista cômica

Pitúsilla

cantará hoje pela 1.ª vez o «charleston»

AMOR, em português, letra de Gomes

junior, música do inspirado maestro

Cruz e Sousa.

A formosa e elegante completista

Teresita de Avila

No elenco: «Loucura dum noite» (7 partes)

Concerto pela FOZ MELODY BAND

PREÇOS ULTRA POPULARES

Superior, 2800; Placete ou Balcão, 5400;

Camareiros, 1300; Frase, 2000;

Convites, 1400 e 400.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

CONTOS DE "A BATALHA"

Dois aspectos do regime burguês

O comboio desliza vertiginosamente, numa correria louca de ciclone, serpenteando os montes, atravessando os vales luxuriantes de verdura, desaparecendo ante a nossa vista as árvores e a casaria branca, com a rapidez dum mutação cinematográfica, naquele ritmo de feragens entrecalhando-se e que davam uma monotonia de sons característicos, atrojando os ares, de quando em vez, com os silvos estridentes da locomotiva, seguidos de grossos rios de fumo, que obscureciam por momentos a atmosfera.

Como elemento valioso de progresso, lá ia, na sua marcha veloz, atravessando montanhas, encurtando distâncias, aproximando os homens reciprocamente, servindo povos nas suas relações comerciais e industriais—síntese admirável da actividade humana, veículo imprescindível na vida moderna, complicada e transcendente.

A sua marcha, pouco a pouco ia afrouxando. Era uma estação que se aproximava. Parou, enfim, o movimento era grande. Passageiros que saíam e outros que entravam, numa azáfama febril de quem não quer perder o comboio, tomavam os compartimentos com frenesi, atropelando-se mutuamente, para a conquista de um lugar.

O compartimento de 2.ª em que iam os meus companheiros de viagem, e voltámos à quietude que até ali tínhamos mantido. Porém, a breve tregua, a nossa atenção foi despertada por uma animadíssima conversa. Detivemo-nos um pouco a observar os interlocutores, que eram três, tipos alentejanos, espalhafatosos, falando com desembaraço e com o sotaque próprio da região a que pertenciam.

Em certa altura, um deles, reatou a conversação, certamente interrompida pelo embarque, e recomenceou-a com entusiasmo apolítico, tal era o estado congestivo do rosto, que dir-se-ia ser seguido de um ataque fulminante, que o prostrasse para sempre, e exclamou com voz forte:

«Os operários é que têm culpa deste descalabrado em que o país se encontra... Súcia de mandriões, que só querem poucas horas de trabalho e muito dinheiro...»

Calou-se, a vê o efeito das suas palavras, enquanto outro o apoiava com um «Muito bem», acrescentando por seu turno:

«Tens razão, Manuel. Isto só dum forma que eu cá sei é que marchava... O que esta mudança que nem uns molinos, para eles mandriem a vontade. Nós temos o nosso capital, ganho à custa de muitos esforços, não é para dar a esses vadios...»

O terceiro, dizia que sim com a cabeça, que estava inteiramente de acôrto, e acrescentou também:

«Eu tenho lá cinco operários a quem pago 1200 por dia a cada um. Sim, parece-me que já é pagar bem. O que eu exijo é que eles trabalhem. Pois então como é... quando não—e com o indicador apontava para a janela da carruagem—rua, que é a sala dos cães!...»

O segundo acabara de fazer um cigarro, seguiu-o os dois lábios, acendeu-o e, após uma fumaça, disse:

«O que é preciso, antes de mais nada, é acabar com esse negregado bochevismo que para aí há, que só quer viver à custa

do nosso trabalho honrado. E para isso, só um governo conservador o poderá fazer. Sim, porque eu—e balia com força na arca do peito—sou conservador e tenho muita honra nisso!»

Calou-se esta vítima dos trabalhadores, que paradoxalmente eram também vadios, não sem que primeiro os outros se manifestassem concordes com o modo de ver político do companheiro. «Que sim, senhor, que também eram conservadores...»

A um sinal do chefe de estação a locomotiva deu um silvo, e a máquina resfolegante, vagorosamente, recomenceou a marcha, aumentando, pouco a pouco, a velocidade, puxando, atrás de si, inúmeros vagões, num esforço gigantesco, formidável, levando a toda a parte os benefícios maravilhosos do progresso, num trabalho hercúleo, incessante, caminhando sempre, sempre, numa marcha ascensional para a vida e para o futuro, símbolo admirável de emancipação humana, em luta constante com o retrocesso.

Nosso pensamento, rápido como um relâmpago, voltou-se para a pobre máquina ferroviária, dando-lhe vida, alma, raciocínio, enfim, e a nossa sensibilidade manifestou-se por esse engenho grandioso do cérebro humano, produto de muitas luctações e de muito estudo, ao colocá-la em paralelo com aqueles três espécimes alentejanos, dignos dum certo jardim... que, ela, a pobresinha, pacientemente transportava sem um queixume, resignada à sua sorte!...

Anotícia, e na penumbra do compartimento, iluminado fracamente a azule, luz mortua e nostálgica, como que simbolizando a revescescência dum passado longínquo, os nossos habitantes do Alentejo amodorraram-se, e pouco depois dormiam como uns justos, a pesar da trepidação constante.

Entretanto, a um canto, dois homens conversavam.

Um deles—oficial do exército, explicava ao outro—um dos melhores pintores portugueses, o maneio técnico de uma metralhadora, quantos tiros dava por segundo, e numa descrição voluptuosa e entusiástica, ia exaltando o valor da arma em combate.

O criador exuberante do belo, ouvia, em silêncio, a descrição desse engenho mortífero, talvez reprovando-o intimamente, por estar em antagonismo com a sua querida arte—a pintura, que, mesmo pondo ante nossos olhos as horrendas carnificinas das batalhas nas suas telas magistrais, é ainda de formal condenação por esse flagelo tremendo que é a guerra.

Novamente o comboio parou. Apêmo-nos, e, já a caminho de casa, nosso cérebro, como que embriagado pela observância de semelhantes anomalias, sentia-se confuso, incapaz de discernir a beleza social dos conceitos burgueses, sempre fortes na retórica, na hipocrisia, consentindo tudo, admitindo as mais monstruosas iniquidades, as explorações mais ignóbeis, reduzindo o ser humano a um desprezível farrapo, num «delírio tremens» de corrupção e ódio, tendo como cúpula o egoísmo mais feroz, transformando a vida em inferno dantesco, no crime mais abominável!

Setúbal, Outubro de 1926.

José RIBEIRO

TEATROS

A despedida de Adelina Fernandes

Despede-se hoje do Foz, onde estava fazendo um extraordinário sucesso com os lindos fados portugueses que ela canta como ninguém, a distinta actriz Adelina Fernandes. Continuará em pleno sucesso a formidável completista cômica e de fantasia Pitúsilla que hoje cantará pela primeira vez, em português, o «charleston» «Amor», letra de Gomes Junior e música do inspirado compositor Cruz e Sousa, e a formosíssima artista espanhola Teresa de Avila.

Amanhã estreia-se a célebre bailarina internacional Kosika Vrandja que vai certamente obter um enorme triunfo.

Todos os números são acompanhados pela «Foz Melody Band», a nossa mais popular orquestra de «jazz», e abre os espectáculos o interessante «filme» em 7 partes «Loucura dum noite».

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo do escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço 1500.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... \$50

O sentido em que somos amarguistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$30

A Internacional (música é letra)..... \$50

Pedidos à A Batalha ou no Cais do Sodré, 82

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda

uma bela obra de

RICARDO MELLA,

«IDEÁRIO»

que consta dum volume

de 336 páginas dividido

nos seguintes capítulos:

Doutrina — Crítica Social — Educação

Libertária — Tática — Evolução

Revolucionária — Violência — Libertad

Antorridad — Ensayos Filosóficos —

Terrolo — Ideas Iconoclastas — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia

Vida Española — Hombres Representa-

tivos — Trabajos Polémicos — Les-

turas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de A Batalha.

"A Batalha" na provincia e arredores

Cova da Piedade

COVA DA PIEDADE, 6. — A reacção continua desenvolvendo-se livremente.

Vimos duas solenidades religiosas no espaço de um mês, não contando com as realizadas em povoações ocultas.

Uma foi a da Senhora de Amora, e a segunda foi a da Senhora do Rosário, na Costa de Caparica, em que se fez sair uma procissão que percorreu as ruas da localidade e na qual se incorporaram os grandes reacçãoários cá do burgo.

O que é mais triste ainda no meio de tudo isto é o povo trabalhador, e em especial os pescadores, se prestar a colaborar em fantochadas de que os seus exploradores se aproveitam para zombarem deles!

O proletariado do concelho de Almada, não quer compreender que as festas de carácter religioso constituem o maior entrave à sua emancipação. Por isso, se encontra desorganizado, a pesar dos esforços feitos pelos operários conscientes!

Figueira da Foz

A BATALHA

Todos os consumidores devem comparecer na sessão de protesto contra a carestia da vida que hoje se realiza.



A ACÇÃO DA A. I. T.

Realizou-se em Paris uma importante conferência das centrais aderentes à Associação Internacional dos Trabalhadores

O que foi essa magna assembleia, segundo as actas das respectivas sessões

A situação italiana

Borglii—Repetirei o que disse em Amsterdão, onde apresentei questões bastante sérias. Pergunto mesmo se o secretariado não poderia ler aqui uma carta que lhe dirigi. Enviarei uma espécie de ultimatum; demonstrarei que não havia tempo a perder. Perdemos um ano, e mais ainda. Escrevi a Souchy, dizendo-lhe que preferia retirar-me do comité, porque não é possível, nem é sério também, suportar responsabilidades, e não ter meios para responder por estas responsabilidades. Não é culpa de ninguém, mas a realidade obriga-nos a constatar esta situação.

Não se pode em geral permanecer num movimento, para se desempenhar o papel específico de pedir dinheiro, sobretudo, quando só se recebe respostas evasivas. Tudo foi destruído na Itália, e vai aumentando todos os dias a destruição. Todas as vezes que tentávamos reconstruir, uma nova vaga vinha tudo destruir.

Mas há sempre núcleos por aqui e por ali, porém, temo muito que a reconstrução sindical italiana não seja possível! Por outro lado, devemos dizer que se não houvesse A. I. T., teríamos tido talvez menos obrigações, sentir-nosíamos mais livres para tomar decisões, e considerando a impossibilidade de reconstrução sindical, os camaradas poderiam ter-se libertado de toda a responsabilidade perante a U. S. I. e declarar a dissolução. Não digo que teríamos feito isso, se não houvesse a A. I. T. Certamente, atendendo a que os comunistas explorariam a nossa declaração de dissolução, temos resistido, mas em que condições?

Prenderam Giovanetti, na Itália, e quando ele saiu da prisão, não tinha sequer casa. Enviámos-lhe algum dinheiro.

Após a marcha sobre Roma, os fascistas instituíram um decreto que lhes permitia, se fosse provado que o dinheiro dos sindicatos era destinado a fins políticos, de apreender esse dinheiro, e de substituir o tesoureiro do sindicato por um dos seus homens para fazer marchar a organização.

Agora existe uma outra situação: o chamado reconhecimento legal e jurídico dos sindicatos, que diz os sindicatos fascistas são reconhecidos pelo Estado, mas a lei considera como um crime que as greves quer o «lock-out». Enfim, todo este sistema de governo pretende realizar a abolição da luta de classes. Naturalmente este método dá resultados, pela simples razão que se tomou a precaução de destruir, antes, toda a liberdade proletária. O próprio Mussolini, que é um verdadeiro canalha mas um homem inteligente dizia aos burgueses que se regosiassem com esta lei: Triunfamos, porque tínhamos criado uma certa situação ao povo, sem esta situação, não teríamos podido fazer.

Mas não dia em que o proletariado despartar esta lei não terá nenhum efeito; a luta de classes passar-lhe-á por cima. Os fascistas instituíram igualmente os «senadores sindicais». As corporações indicam ao rei, os nomes dos seus candidatos. Numa lista de 15, o rei escolhe 5, que são eleitos por 9 anos.

Mas todo este sistema de *chantage* e de corrupção não poderá em nada mudar a situação, após as destruições sistemáticas que se fizeram.

Comparámos o fascismo espanhol com o fascismo italiano: na Espanha o poder está nas mãos dos militares, está fechada.

Na Itália, o fascismo, ao contrário, teve de se introduzir em todos os meios, penetrar em todas as classes. Após o terror, o fascismo queria instituir uma espécie de

reação normalizada. Queriam aplicar uma parte do programa dos social-democratas, por exemplo, a arbitragem obrigatória, a fim de abafar as greves. Instituiu um Código de Trabalho, e é a própria magistratura que interveio nos conflitos entre patrões e operários, quer seja greve ou *lock-out*. Mas tudo isso não é senão uma comédia!

A situação para nós sindicalistas torna-se pois cada dia mais difícil na Itália. Temos dois países da América do Sul, onde foram justamente os anarquistas italianos que começaram a luta operária na América do Sul. Mas esta propaganda não tem nenhuma relação com a Itália, está limitada aos italianos habitando a América do Sul, que estão assimilados pelos espanhóis.

Na América do Norte, a diferença da língua isolou os italianos dos meios norte-americanos. Uma parte dos sindicalistas está absorvida nos I. W. W. Há muito poucos anarco-sindicalistas.

Os outros camaradas anarquistas italianos não estão absorvidos em nenhum meio norte-americano e, por outro lado, não sentem nenhuma atracção pela organização operária. São anarquistas-comunistas, mas sobretudo «insurreccionalistas». São estes camaradas anti-organizadores que, nos períodos de reacção, sustentam a imprensa italiana.

Sou o único aqui que não posso fazer um jornal, porque seria um órgão sindicalista organizador.

Nem a Itália, nem a França estão em estado de dar dinheiro. Onde pode ele vir? A América do Sul que é pela organização não larga facilmente o dinheiro, e a América do Norte não quer dar dinheiro para uma obra organizadora.

Há anarquistas organizadores que são contra o sindicalismo, já vos expus esta situação o ano passado. O sindicalismo é a cabeça de turco, entendem-se todos para o combater. Isso enfraquece-nos cada vez mais. Mas o mais grave de tudo isto, é que agora é muito tarde para se poder recuperar o tempo que perdemos.

A imigração constitui uma grande ameaça, a mão de obra estrangeira torna-se muito numerosa.

Uma organização francesa, muito fraca, não pôde, imediatamente, receber os operários estrangeiros nos seus sindicatos. É provável que se os sindicatos franceses tivessem sido mais resistentes, a questão teria sido resolvida logo de princípio, quer dizer, que teriam assimilado estas massas nas suas próprias organizações. Mas isso não pôde ser realizado em vista da crise sindical.

Até agora, a classe operária francesa não se tinha apercebido mesmo desta imigração. Mas agora, a mão de obra é muito numerosa, o trabalho vai diminuir, a baixa do franco agrava ainda a situação. Sucede que os operários franceses não encontram trabalho, porque se prefere empregar espanhóis ou italianos. Vai-se desenvolver então um ódio entre franceses e estrangeiros por causa desta concorrência. Há uma questão de interesse na base: viver ou não viver.

Eis uma particularidade da psicologia sentimental dos italianos ou espanhóis: em caso de greve, por exemplo, seja ela declarada por quem for, mesmo que não sirva os nossos fins e as nossas ideias, mesmo se é política, os italianos e os espanhóis não concebem que se possa ficar no trabalho, mesmo que não aprovelem o movimento.

Uma outra parte da imigração, absolutamente indiferente ao movimento social, não está na França senão para ganhar dinheiro, e enviá-lo para a Itália.

(Continua.)

Os escandalosos lucros da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça

Como prometemos, vimos hoje oferecer aos nossos leitores um quadro de algarismos que representa a miséria humana e a ganância dos homens fálhos de escrúpulos ou sem patriotismo que põem o egoísmo e ambição acima da humanidade, calcando a miséria humana!

Que classifiquem este quadro os que como nós sabem quantos sacrifícios são precisos para honestamente se adquirirem tais avultadas somas, e que como nós podem avaliar quantas misérias e privações estas representam. Vamos a cifras:

Anos	Capital	Lucros	Dividendo	Retribuição, ganancia, etc.
1920	300.000\$00	344.140\$79	30 %	40.745\$14
1921	300.000\$00	1.216.967\$43	30 %	201.575\$54
1922	300.000\$00	843.945\$79	30 %	126.340\$71
1923	1.500.000\$00	868.685\$12	20 %	233.975\$09
1924	1.500.000\$00	482.863\$00	20 %	310.856\$08
1925	1.500.000\$00	527.041\$44	20 %	343.630\$32

Como se vê os lucros foram tão grandes que, dão pano para mangas e ainda para camisa de 11 varas.

Escusamo-nos hoje de fazer as apreciações devidas que deixamos para artigo a

seguir e provaremos que estes magnates, com um pelintras, não se contentaram com arrancar a camisa ao povo explorado, mas ainda burlaram o estado, sonegando-lhes lucros

O SINDICALISMO EM MARCHA

Em Vila Nova de Gaia efectuou-se uma importante reunião que tratou do robustecimento da organização nesta localidade

VILA NOVA DE GAIA, 6.—O movimento operário nesta vila foi em tempos alguma coisa, a organização era de molde a impor-se aos olhos dos seus inimigos e a U. S. O., que nesse tempo existia, chegou a exercer uma actividade notável.

No actual momento em que existe uma grande crise de trabalho e os industriais se esforçam para agravar a exploração que exercem sobre os trabalhadores, urge que a classe operária deixasse de viver no estado de indiferença e de dissociação em que ultimamente tem permanecido. Surgiu, há pouco tempo, conforme noticiámos, entre vários camaradas a ideia da constituição dum secção sindical da C. S. T. do Porto. Ficou assente, mais tarde, que o Núcleo da Juventude Sindicalista desta vila convocasse uma reunião em que tomassem parte as direcções dos sindicatos aqui existentes.

Essa reunião efectuou-se, há dias e a ela compareceram vários militantes operários, encontrando-se representadas as direcções dos sindicatos dos metalúrgicos, dos corticeiros e dos da indústria vinícola, tendo também comparecido elementos do Núcleo da Juventude Sindicalista de Gaia e do grupo libertário local. Presidiu Francisco de Sousa Canaverde, secretariado por Manuel Elísio e José Dias.

Usou da palavra, em primeiro lugar, J. Pedro Lourenço, que expoz detidamente as necessidades que há de robustecer no actual momento a organização operária. A burguesia—declara—pretende aproveitar-se da crise de trabalho existente para arrebatar aos operários todas as regalias que estes denodadamente conquistaram. Defende largamente a ideia da constituição dum secção sindical.

Joaquim do Carmo relata circunstanciadamente as razões porque desapareceu a U. S. O., acentuando que o povo desta localidade é bastante rebelde à organização. Entende que a constituição dum secção sindical é inviável em Gaia por não haver actualmente organismos que lhe deem vida. Defende a ideia da constituição primeiro dum comissão de propaganda a fim de preparar o terreno para realizações mais importantes.

Vaz Osório, da C. S. T. do Porto manifestou-se de acordo com as opiniões do orador antecedente.

Depois duma troca de explicações, Pedro Lourenço apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

As direcções dos sindicatos de Gaia e os militantes desta localidade resolvem:

1.ª Constituir a secção sindical da C. S. T. do Porto;

2.ª Que esta secção entre imediatamente em actividade a fim de:

a) estudar circunstanciadamente as causas da crise de trabalho e a maneira de a atenuar;

b) desenvolver uma forte acção contra a baixa de salários, aumento de horas de trabalho e carestia da vida;

c) desenvolver uma grande propaganda no seio das classes trabalhadoras desta localidade;

d) procurar reorganizar os sindicatos desmantelados e robustecer os já existentes;

Joaquim do Carmo apresenta uma moção que se constitui uma comissão de propaganda e de resistência. De acordo com esta moção manifestam-se Fernando Ramos, Vaz Osório, e Manuel Pires, da C. S. T. do Porto, e Manuel Reis. Foram a seguir aprovadas a moção de J. do Carmo e de J. P. Lourenço, menos na parte em que nesta se propõe a imediata constituição da secção sindical.

A comissão de propaganda e resistência ficou composta por José Pedro Lourenço, Mário de Carvalho e Francisco Canaverde.

Uma inútil e revoltante desumanidade

Inez Maria envelheceu como humilde serventia que foi da Câmara Municipal de Portimão. Devido à natureza do serviço que desempenhou adquiriu o reumatismo que a impossibilitou de trabalhar e, para cumulo da sua desgraça, perdeu também a vista.

Ganhava o ordenado irrisório de cem escudos, que a câmara ultimamente dissolvida, por uma questão de justiça e de humanidade, resolveu manter-lhe.

Pois o sr. Marques da Luz, presidente da actual câmara, suprimiu-lhe aquela ridícula verba, gesto que só pode merecer aplauso em quem tiver no lugar do coração uma rija pedra.

Protestamos contra esta desumanidade que ainda é mais revoltante por ser inútil. Não são cem escudos roubados à miséria dum velhinha cega que resolve qualquer dificuldade financeira—se é que é precária a situação do município de Portimão.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão administrativa

Para assuntos de imediata resolução, pelas 20 horas, com a presença de todos os seus componentes.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão de Estudo da Crise e Horário de Trabalho

A todos os sindicatos se roga, dada a proximidade do Congresso e a necessidade desta Comissão completar os seus trabalhos, o envio breve dos pareceres referentes à crise na respectiva indústria, de que trata o officio ultimamente enviado por esta Comissão.

Conselho de Delegados

Hoje, pelas 21 horas, reúne o conselho de delegados para apreciar e votar a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Parecer da comissão revisora de contas; 2.ª Parecer da mesma comissão respeitante a Eduardo Ortiz; 3.ª Nomeações dum secretário adjunto e dum delegado a C. G. T.

Todos os sindicatos que se interessam pelas contas desta Câmara, não devem deixar de se representar neste conselho.

Comissão Instaladora

Esta Comissão tem já em seu poder algumas adesões ao congresso local as quais começaram a publicar-se na próxima semana, rogando-se a todas as comissões administrativas, direcções etc., que diligenciem activar as suas reuniões de assembleias para que essas adesões que hão-de vir mais tarde, possam vir um pouco mais a tempo de não protelarem trabalhos a apresentar ao Congresso e que se basearão no número de adesões.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.

Reuniu-se na passada quarta-feira, a Comissão Administrativa, tendo apreciado o seguinte: Officio da Escola Industrial Fonseca Beneditos convidando este Sindicato a fazer-se representar na sessão da abertura da Exposição dos trabalhos escolares, sendo tomado em consideração; circular do Socorro Vermelho convidando a comissão administrativa a visitar a sua Colónia Balsem, no Porto Brandão, sendo tomada em consideração.

Apreciou o pedido da cedência do Salão para uma festa de solidariedade em favor de uma camarada, resolvendo que um membro da comissão administrativa vá indagar se esse camarada estará dentro das resoluções do Sindicato para o empréstimo do Salão.

Apreciou a orientação do Sindicato em face da «Unidade Sindical» e das manobras moscovitárias, resolvendo convocar uma reunião de militantes metalúrgicos.

Resolveu convocar a assembleia geral extraordinária para o dia 13 de Outubro com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Apreciar o relatório da comissão de inquérito ao camarada Emílio Santana.

2.ª Apreciar a circular da C. S. T. sobre o Congresso Operário de Lisboa e nomear delegados ao mesmo.

3.ª Apreciar a atitude dos delegados do Sindicato ao «Conselho Federal» da Federação Metalúrgica acerca do conflito da C. G. T.

4.ª Apreciar o projecto do novo Estatuto do Sindicato.

5.ª Assuntos diversos.

Tomou conhecimento da cópia do officio enviado ao presidente do Ministério acerca das últimas deportações de operários para a África entre os quais se encontra o prestimoso militante ferroviário Miguel Correia, em conformidade com a moção aprovada na grandiosa sessão contra a carestia da vida, realizada neste Sindicato.

Resolveu não assinar o jornal socialista O Trabalho.

Apreciou outros assuntos de carácter interno e resolveu reunir extraordinariamente no próximo sábado.

Compositores Tipográficos.

Reuniu a direcção que deu despacho a vários expedientes e resolveu fazer a convocação dum assembleia geral para a próxima semana a fim de serem tratados vários assuntos de interesse para a classe.

Federação dos Trabalhadores Rurais.

Comissão Administrativa.—Reuniu em 5 do corrente para apreciar vários assuntos de interesse sindical.

Apreciou vários expedientes entre o qual o relatório do delegado ao Conselho Confederal por F. O. I. C. P. resolvido arquivá-lo por estar de acordo com o mesmo.

Apreciou um officio de S. Aleixo resolvido dar-lhe o despacho necessário. Apreciou ainda o extracto do Conselho Federal, de 19 p. p., dístico organismo publicado na Batalha de 21 p. p.

Encadernadores e Anexos.

Reuniu a Direcção, na quarta e quinta-feira, tratando do expediente interno e resolvendo também sobre os officios da Câmara Sindical do Trabalho, para a nomeação dos delegados ao seu Congresso e outro da Comissão de Estudo da crise e horário de trabalho resolvendo officiar ao primeiro, e ficando para estudo a resposta ao segundo.

Resolveu também publicar um manifesto à classe, e convocar para breve a mesma, para nomeação de delegados ao Congresso Extraordinário da Câmara Sindical do Trabalho.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.

Os delegados das direcções dos Sindicatos gráficos de Lisboa, a fim de receberem O Gráfico, às 21 horas.

Sindicato Unico Mobiliário.

Pelas 20,30 horas, em assembleia geral, em 2.ª convocação, com a ordem de trabalhos anteriormente publicada.

Pelas 20 horas, a comissão administrativa e o cobrador geral para assunto urgente.

Litógrafos e Anexos.

A comissão administrativa, pelas 19 horas, prefixas, para tratar de assuntos de grande importância e inadiáveis.

S. U. C. C. — Secção dos Pintores.

Pelas 20,30, a comissão administrativa.

Secção dos serventes.

Pelas 21 horas, a comissão administrativa com a presença do cobrador.

Secção dos Estudadores.

Em assembleia geral pelas 21 horas para diversos assuntos inadiáveis e com a presença de António Enes Salgueiro para confirmar as suas acusações.

Comissão Escolar

Pelas 21 horas para tratar de assunto urgente.

DIAS PRÓXIMOS

Manufactores de calçado.

Reúnem amanhã, em assembleia geral, pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos pendentes.

Núcleo do Porto.

Reúnem no próximo dia 12 do corrente, pelas 21 horas, em assembleia geral os filiados desta secção com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura da acta; Trabalhos da C. Juvenil; Apreciar a conduta de um jovem e assuntos vários.

SINDICATOS DA PROVINCIA

U. S. O. de Faro.

De harmonia com as resoluções tomadas no conselho de delegados foi resolvido tornar público que o operário corticeiro José Vergílio quando secretário do seu sindicato pretendeu desorganizar a sua classe, criando outra associação. Não o conseguiu porque os corticeiros souberam repelir o seu objecto de desejo. Ultimamente, foi-lhe entregue uma lista de subscrição pró-Batalha que ele utilizou para fins diversos.

Em face disso foi resolvido retirar-lhe toda a confiança.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.

Reuniu a comissão administrativa, tendo protestado contra o procedimento dos industriais da Litografia Nacional pela forma como procederam contra os grevistas e contra o acto de sabotagem praticado contra a associação dos Litógrafos, sendo depois aprovado um voto de solidariedade para com os grevistas.

Realiza-se no próximo domingo uma grande festa em favor dos presos sociais

E' no próximo domingo que se realiza no Salão da Construção Civil a grandiosa festa em benefício dos presos por questões sociais, levada a efeito pelo Comité Pró-Presos por Questões Sociais.

O programa é o seguinte: Conferência pelo camarada José Carlos de Sousa, «A lei da vida».

1.ª parte—Subirá a scena o emocionante drama em 3 actos, «Os Filhos da Canalha».

2.ª parte—«O Pecado da Simônia», desempenhado pelo conceituado Grupo Dramático Solidariedade Operária.

A parte musical será executada por um distinto grupo, que por especial deferência accedeu ao convite que lhe foi feito neste sentido.

Nenhum trabalhador deverá deixar de tomar parte nesta festa, visto tratar-se dum festa de solidariedade às vítimas da luta social.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do comité e na Federação Ferroviária.

Pede-se a todos os organismos que ainda não enviassem as importâncias dos bilhetes que lhe foram enviados, para o fazer até ao dia 9 do corrente.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingos, 6500.

No Sertão d' Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

INTERESSES DE CLASSE

O Sindicato dos Oleiros e Cerâmicos vai ser reorganizado

O indifferntismo é um mal contagioso. O momento é para despertar as energias adormecidas, dando-lhe vigor e acção para enfrentar os problemas que atingem o operariado.

Cada dia que passa mais razão nos dá para que aquelas classes atacadas de indifferença e comodismo se capacitem do grande dever que lhes cabe das responsabilidades que assumem, abandonando os seus sindicatos profissionais—baluartes de defesa e resistência contra as desmedidas pretensões dos industriais—contribuindo assim para a desagregação dos outros elementos e fazendo com que as regalias conquistadas vão desaparecendo, por falta de coesão, entendimento e solidariedade.

E os oleiros e cerâmicos estão nessas condições. Há muito tempo que esta classe está desorganizada, devido a um certo comodismo que se apossara daqueles que tinham o dever de a impulsionar.

Um grupo de camaradas tentam levantar novamente o seu organismo corporativo para o que já se organizou uma comissão composta por Aníbal Barreiros, José Guerreiro, Virgílio Ramos, Manuel Gonçalves e Artur Guerreiro, que com o apoio de vários camaradas e de duas fábricas de olaria, vão encetar trabalhos nesse sentido.

Na próxima semana será distribuído pela classe um manifesto convidando a uma assembleia magna onde serão ventilados vários assuntos de interesse para a mesma.

Para que o seu trabalho obtenha uma rápida execução vai a comissão organizadora solicitar o apoio moral da C. S. T. de Lisboa para auxiliar essa comissão na propaganda, dirigindo-se hoje e amanhã em visita a algumas fábricas onde espera colher bons resultados.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Na reunião da Comissão administrativa, ontem realizada, foram tomadas várias resoluções

Sob a presidência do sr. Vicente de Freitas reuniu-se ontem a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, tendo tomado as seguintes deliberações:

Peixe impróprio para consumo

O sr. Quirino da Fonseca declara ter recebido uma representação dos donos de barcos de pesca na qual se pretendia mostrar que não era justa a sua proposta apresentada na sessão anterior para cada quilo de peixe desembarcado em condições impróprias de consumo pagar \$20 centavos, quando o vapor que o transportasse tivesse tido possibilidade de atracação ao Cais de descarga, logo que chegasse ao porto.

O orador analisa a representação e diz que ela longe de conseguir o fim que desejavam os seus autores, lhe mostrara que a sua proposta fora acertada.

Serviço de Incêndios

Pelo sr. Mardel Ferreira foi apresentada a proposta seguinte que foi unanimemente aprovada:

«Considerando que está vago o lugar de chefe do Serviço Telefónico do Corpo de Bombeiros Municipais desde 14 de Junho do corrente ano;

Considerando que por deliberação da Comissão Executiva de 1 de Julho do corrente ano foi resolvido abrir-se concurso, a qual por despacho de 10 de Agosto findo ficou pendente;

Considerando que não pode ser adiado por mais tempo o preenchimento deste lugar vago, sem grave prejuizo para os serviços desse corpo;

Considerando, pois, que é urgente e muito necessário um dirigente idóneo e habilitado na chefia do aludido serviço telefónico;

Propoño que em conformidade com o art.º 943 do actual Regulamento do Serviço de Incêndios, seja aberto concurso público

para o preenchimento da vaga de chefe do Serviço Telefónico do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa, por provas documentais e pelo prazo de 30 dias, dando-se preferência, em igualdade de circunstâncias, ao pessoal de Serviço Telefónico desse Corpo, que a ele deseje ser admitido.

O preço da energia eléctrica

O presidente da Comissão sr. Vicente de Freitas comunicou que a direcção da Sociedade Companhia Reunidas Gás e Electricidade já havia respondido ao officio que a Câmara lhe enviara declarando não permitir o aumento de preço da energia eléctrica.

A Direcção declarou aguardar a sentença definitiva dos Tribunais quanto à questão do preço da energia eléctrica e nomear um engenheiro para com um delegado da Câmara estudar as bases dum novo contrato a celebrar entre a Câmara e a respectiva Sociedade. Como delegado da Câmara a Comissão Administrativa nomeou o engenheiro sr. Tito de Sousa Lopes.

Obras do Mercado 24 de Julho

Foi resolvido prorrogar por mais 8 dias o prazo para a adjudicação das obras para acabamento do Mercado 24 de Julho.

Secção Telegráfica

Federações

CORTICEIRA

Corticeiros do Barreiro.—Avisem José Martins para que mande rapidamente os restantes exames médicos dos sinistrados do Barreiro, a fim de proseguirmos nos trabalhos encetados.

Comité pró presos por questões sociais

Reúne amanhã pelas 21 horas este comité para tratar de assuntos importantes.

“A BATALHA” no Funchal vende-se

No Bureau da La Presse.